

## O INTERESSE PELA LEITURA DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS A PARTIR DA LITERATURA DE MASSA

Nathália Carvalho Advíncula\*  
Laís Dayane Silva\*

**Resumo:** Apesar dos estudos sobre “literatura de massa”, ela é constantemente banida dos currículos escolares. Assim, fica difícil enxergar nela a oportunidade de iniciar a formação do que as pesquisas “Retratos do Brasil” (2011) conceituam como “leitor”, aquele que declara ter lido ao menos um livro nos últimos três meses. Então, este ensaio tem a intenção de debater a criação dos hábitos de leitura de obras cânones a partir da literatura de massa, baseando-se, por exemplo, nos estudos de Morin (1975) sobre as produções populares, e Zilberman e Silva (2008) sobre a interrupção do trabalho didático acerca das potencialidades do texto literário.

**Palavras-chave:** literatura de massa; cânone; leitor

**Abstract:** Even with studies about “mass literature”, it is constantly banished from the schools. Thus, it is hard to look in it the opportunity to begin the formation of what the research “Retratos do Brasil” (2011) conceptualizes as “reader”, survey that declares that have read at least one book in the last three months. Therefore, this essay has the intention to debate the creation of canon work’s reading habits from mass literature’s reading, based, for example, on the studies of Morin (1975) about popular productions and Zilberman e Silva (2008) about the interruption of the didactic work on the potentialities of the literary text.

**Key-words:** mass literatura; canon; reader

## 1. Introdução

Segundo Pulcinelli (1995), a leitura constitui, muitas vezes, uma interpretação unilateral, pontuando que os valores advindos dela são ditos pelas classes dominantes, as quais veem a leitura como desfrute, lazer, possibilidade de alcançar horizontes e experiências, diferentemente das classes dominadas, que a compreendem como instrumento de sobrevivência cultural, auxiliando no mundo competitivo de trabalho e das condições de vida. Assim, se olharmos para o passado, veremos que a produção literária e a reprodução das obras tornaram-se muito mais dinâmicas com a invenção da imprensa por Gutenberg durante a Renascença. No entanto, as transformações provenientes desse feito não foram amplamente usufruídas, já que a classe trabalhadora não tinha acesso à essas mudanças. Nos séculos seguintes, a grande maioria da sociedade ainda estava às margens da produção de cultura literária, mas a tentativa da ascendente burguesia de romper com os antigos moldes de criação, almejando uma arte mais popular, dá forma ao Romantismo, ação que pode ser vista como uma investida em direção a concepção de que a arte pode ser feita pelo e para o povo. Assim, esse ponto de vista ganha, cada vez mais, força e forma, o que influencia o crescimento exponencial da produção cultural feita com o intuito de alcançar a maior parte da população. No entanto, hoje em dia, essa dinâmica que deveria servir para levar ao público como um todo, sem distinção, entretenimento e conhecimento, vem sendo banida das salas de aula, por exemplo, que são, para Coelho (2002), um “espaço privilegiado” para desenvolver a formação do indivíduo e proporcionar a ele o contato com diferentes pessoas, necessidades e leituras. Dessa forma, parece ser criada uma desarmonia nas salas de aula entre a valorização das produções clássicas e as consideradas populares, conflito esse que pode provocar uma ruptura nos hábitos de leitura. É possível inferir que alguns aspectos da nossa sociedade fomentam esse desequilíbrio de tratamento, e um deles é o processo crescente de “pedocratização”, ou seja, o rejuvenescimento dos lugares de influência e prestígio social, visto que as obras clássicas são, muitas vezes, tratadas pejorativamente como antigas, título que pode acarretar o pensamento precipitado de que as histórias dessas obras são ultrapassadas e maçantes, dificultando ainda mais o interesse de leitura. É, ainda, um agente facilitador dessa problemática, o déficit no sistema educacional brasileiro, já que ele é, basicamente, conteudista, e não parece incentivar nem a leitura de *best-sellers* nem a de obras cânones, pois prioriza apenas a explanação de nomes e livros

consagrados, além das características e os contextos históricos em que eles foram escritos, sem se importar com o trabalho cuidadoso do texto em si.

Dito isso, o presente trabalho procura refletir a possibilidade da formação do leitor a partir da literatura dita de massa, se for concedida a esta a legitimidade enquanto entretenimento e fonte de conhecimento, sem que as obras cânones sejam tratadas como algo sem valor atrativo, e sim como fonte de prazer também. Assim, a construção deste ensaio busca o debate sobre a necessidade de unir esses dois mundos que há tanto tempo foram separados, o que só traz prejuízos para os índices de leitura do país, e fundamenta-se, por exemplo, nos estudos de Morin (1975), que discute a visão preconceituosa ainda recorrente e precipitada sobre as produções populares; Zilberman e Silva (2008), que discorrem sobre a leitura e o ensino de Literatura; Paz (2004), quando debate a importância do estímulo dos hábitos de leitura a partir da “literatura de massa”; Cosson (2006), quando reforça a importância do ensino da Literatura canônica; além dos dados disponibilizados pelo Instituto Pró-Livro (2016).

## 2. Literatura canônica x literatura de massa

Um possível conceito atribuído ao cânone literário abarca a noção de que ele é constituído por um conjunto de obras ou autores que, por instituições, foram tidos como clássicos, atemporais e dignos de representarem uma nação. Seguindo esse ponto de vista, a literatura canônica seria “[...] uma relação de obras e autores social e institucionalmente ‘universais’ e ‘verdadeiros’, transmitindo os valores humanos e características ideais de um texto, por isso, dignos de repasse de geração a geração.” (SOUZA NETO, 2008, p.44). A manutenção dessa ideia clássica é feita, por exemplo, por instituições que têm grande influência na propagação dessas obras e na criação dos hábitos de leitura, como a escola. Assim, os livros didáticos usados nas salas de aula contribuem para essa legitimidade canônica, pois determinam o que será passado pelo(a) professor(a), além de, segundo Fidelis (2009, p.1),

[...] reconstruir a historiografia literária, destacam os principais autores e suas principais obras, organizam o material crítico sobre períodos literários e seus principais representantes. Portanto, os livros didáticos possuem uma força informadora, capaz de direcionar o que se lerá na

escola, pois representam ao professor, sob nova organização, autores e obras representativas de certo fazer literário.

No entanto, ao longo da história, é possível perceber o movimento de questionamento dessas obras e autores considerados clássicos, assim, surge a necessidade de “[...] nos perguntarmos se os valores da ‘alta cultura’ não são dogmáticos, formais e mitificados” (MORIN, 1969, p.18). Com isso, é possível ver que alunos e jovens rejeitam os livros indicados pela escola, já que a influência escolar tem apenas 7% de crédito nas principais motivações de leitura, segundo a pesquisa feita pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro em 2016, e há vários motivos pertinentes para que isso ocorra. Mesmo que uma ordenação de fatores não se faça necessária, o primeiro coeficiente que exponencia essa recusa por parte dos jovens se constitui nas exigências da sociedade capitalista, que não se apega à estética, porém se atém muito mais à venda dos produtos e dá mais atenção aos temas tratados e aos autores, por exemplo, fatores que totalizam 42% da influência na escolha de um livro, segundo dados de 2016 do mesmo instituto supracitado. Somando-se a isso, as aulas que deveriam servir para aproximar os alunos da obra literária, geralmente têm seu foco apenas na exposição de nomes e obras consagradas, assim como suas características e contextualização histórica, submetendo a leitura e a literatura à um processo de escolarização, no qual o artificialismo revela-se de modo costumeiro por meio de atividades e exercícios escolares isolados, sem que o aluno perceba a leitura como ação cultural e historicamente constituída. Ainda, os arcaísmos que podem ser encontrados nas obras de literatura canônica ampliam ainda mais a falta de entendimento e de interesse, pois, sem a mediação correta, coloca essas criações como distantes. Ante essa perspectiva, Duarte e Werneck (2009, p.1), afirmam que,

Diante dessa realidade, percebe-se que não há interação entre o aluno e o texto literário. Por não entender que se trata de uma linguagem artisticamente trabalhada e não compreender seu vocabulário, que muitas vezes é de outro século, o aluno cria um distanciamento em relação à Literatura e acaba aceitando a interpretação do professor sem promover um diálogo com o texto.

É possível perceber que a dificuldade de aproximar o jovem e as obras cânones pode trazer esses aspectos negativos para a criação dos hábitos de leitura, pois o professor, que deveria ser um mediador de leitura, corre o

risco de aproximar-se apenas de questões pedagógicas de modo a deformar os clássicos no momento de escolher quais obras e autores serão trabalhados. Se a mediação ocorrer desta forma, é revelada uma falta de planejamento prévio, em que se é imprescindível levar em consideração os alunos, as novas tecnologias e as obras em si. Essa negligência pode influenciar a visão que o estudante tem sobre determinado autor ou obra, então, parece necessária a seleção do que é colocado em sala de aula, pois não basta trabalhar o cânone, é preciso escolher dentro do acervo canônico as obras mais relevantes e representativas. Para isso, faz-se indispensável a atuação habitual do professor interventor, capaz de mostrar aos seus alunos que, ao ler, tanto livros cânones quanto *best-sellers*, pratica-se um exercício de raciocínio, tornando-os sujeitos cultos, justos, solidários, criativos e conhecedores do mundo. Assim, conhecendo os textos em circulação, recursos para conduzir seus alunos ao caminho da leitura, técnicas e metodologias adequadas, poderá propiciar atividades práticas e criar diferentes momentos de leitura baseados em estratégias que promovam diferentes níveis de letramento.

Dentro desse cenário que coloca estudantes contra o hábito da leitura, surge, fora dos muros da escola, uma literatura que parece agradar e prender os jovens às páginas mais facilmente, sonho de qualquer professor. Esses livros são chamados de “Literatura de massa” e, embora tenham a proposta de atingir o maior público possível, não são considerados nas discussões escolares, tendo sua legitimidade negada e taxada como pobre de valor e relevância. Nas escolas, lugar que supervaloriza as obras canônicas, essa literatura emergente parece ser tida, apesar de existirem muitos estudos sobre ela, muitas vezes, apenas como instrumento à serviço das ideologias de mercado e incapazes de levarem o(a) leitor(a) a refletir.

[...] Uma atitude de direita tende a considerá-la como divertimento de hilotas, barbarismo plebeu. Foi a partir da vulgata marxista que se delineou uma crítica de “esquerda”, que considera a cultura de massa como barbitúrico (o novo ópio do povo) ou mistificação deliberada (o capitalismo desvia as massas de seus verdadeiros problemas) (MORIN, 1969, p.17)

No entanto, segundo Paz (2004, p.2),

Se o *best-seller* é resultado do processo de industrialização e efeito da ação capitalista sobre a cultura, é preciso levar em conta também que esse

tipo de narrativa tende a constituir-se em ‘campeão de vendas’ porque se configura uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e estimular a imaginação do leitor-consumidor. O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode analisá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeito de estratégias mercadológicas ou como subproduto da literatura culta.

Assim, fica evidente a possibilidade de trabalhar com a Literatura de massa na formação do leitor, já que, de acordo com as Orientações Curriculares (p.56,57), ela tem “[...] importância das mais acentuadas, seja por transgredir, por denunciar, enfim, por serem significativos dentro de determinado contexto[...]”. Porém, mesmo aparentemente sendo difícil o interesse instantâneo de um jovem por um clássico literário, porque ele está, muitas vezes, vinculado à ideia de imposição escolar, é importante a presença da Literatura canônica dentro das salas de aula, pois é necessária a visão de que esta é “parte da nossa cultura e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para ampliá-la.” (COSSON, 2006, p.34). Visando essa possibilidade de união,

[...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2006, p. 47-48).

Dito isso, para o contato com a leitura, qualquer uma que seja, é necessário o reforço da tarefa escolar de proporcionar aos estudantes o ato de ler, permitindo-lhes “confortável, solitário e vagarosamente sensual” (MANGUEL, 2000, p.11), o convívio com a leitura. Para a proximidade com o mundo clássico, de modo a não excluir as novidades, a aproximação das obras canônicas com os livros da Literatura de massa parece ser uma opção. Cabe ao professor ficar atento, por exemplo, à possibilidade de relacionar, nivelar obras, sendo o *best-seller* usado como porta de entrada para a leitura. Dessa forma, apresentar trabalhos com temas relacionados com a realidade e com a vida dos jovens pode ser um mecanismo facilitador da apreciação, por exemplo, o uso dos livros “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), de Machado de Assis, e “Jogos Vorazes” (2008), de Suzanne Collins, já que ambos abordam, de alguma forma, temas como a violência, a opressão e classes sociais.

[...] nenhum leitor nasce lendo Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa. Até porque é preciso maturidade do leitor para apreciar os mestres. Prefiro ver um adolescente lendo, feliz, Harry Potter do que vê-lo sendo obrigado, pela escola, a ler um romance qualquer de Machado de Assis por conta de ser seu centenário, e odiando, por tabela, qualquer leitura. (MARIA, 2009, p.159)

Desse modo, os jovens podem construir uma visão que una os dois lados e construa o hábito da leitura.

[...] a leitura é um mundo de liberdade intelectual. É quase irrelevante que as primeiras leituras tenham, ou não, a assim chamada ‘qualidade literária’, embora obviamente quando a tiverem será preferível. A seleção vem com o tempo, o importante é que as pessoas adquiram o hábito de leitura. (MINDLIN, 2009, p.17)

## 2.1 A prática da leitura nas salas de aula

É frequente ouvir dos professores de Língua Portuguesa que os alunos adolescentes não leem, pois considera-se essa fase de maior rebeldia, principalmente ante as exigências escolares. No entanto, é necessário pensarmos na veracidade dessa afirmação, já que, de acordo com os dados da 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016), o número de leitores no Brasil, apesar de não ser o ideal, subiu 6 pontos percentuais entre 2011 e 2015, totalizando em 56% da população, o que nos leva a indagar se esse pensamento não está fundamentado na negação dos outros tipos de leitura feitos pelos alunos, os quais poderiam servir de ponto de partida para a criação de hábitos de leitura e, posteriormente, para a leitura dos cânones.

Segundo Zilberman (2008, p.50), o ensino de literatura no Ensino Fundamental e Médio enfrenta uma crise devido ao apego antigo ao método historiográfico. As inúmeras reformas dos currículos escolares não parecem dar conta da problemática brasileira sobre o déficit de leitura, pois, de modo geral, não modificaram completamente as aulas de língua e literatura. As lições de Língua Portuguesa têm focado na gramática, na leitura e na produção de textos, preterindo a Literatura à simples exposição das obras, destacando apenas as suas características e seus principais autores para os alunos. No entanto, não se pode afirmar que apenas a inserção da chamada “literatura de massa” nos

currículos resolveria o problema da falta de interesse dos jovens pelos livros. É necessário lembrarmos de um personagem muito importante nessa dinâmica: o professor, que deveria atuar como mediador de leitura em sala de aula. O problema também parece estar na falta de identificação deste como produtor de conhecimento capaz de orientar e, quem sabe, definir o que deve ser debatido, estudado e produzido para e pelos estudantes. Segundo Silva (2009), é papel do professor refletir coletivamente sobre sua bagagem cultural, cruzando novos horizontes, movimentando o mecanismo de aprendizagem, a fim de incorporar interdisciplinaridade e planejamento com regularidade e nexos.

Os dados revelados pela Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>1</sup>, em maio de 2016, que consideram leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses, provam isso; o brasileiro lê apenas 4,96 livros por ano, sendo 0,94 indicados pela escola e 2,53 por vontade própria. Esse cenário mostra que a leitura proporcionada pelo ambiente escolar não está sendo bem feita. Somando-se a isso, a pesquisa ainda mostra quais os fatores que mais influenciam na escolha de um livro, tendo o tema/assunto creditado 30% dessas escolhas e as dicas de professores apenas 7%, o que demonstra a pouca credibilidade que a escola tem na formação de leitores. Tudo isso demonstra que está sendo falho o ensino dessa disciplina, pois, segundo Zilberman e Silva (2008, p.22-23), “a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.” A esse respeito, Zilberman (1996) afirma que a leitura se concretiza ao criarmos conceitos para o entendimento das narrativas, e somente no diálogo dos interlocutores com a discursividade, as condições e os fatores adequados que efetivarão o processo de ler irão definir-se. Assim, construir a leitura a partir das experiências é reconhecer as diferenças sem discriminá-las, propiciando ao leitor, à medida que ele põe em prática, formar-se, representar-se e identificar-se como sujeito ativo num determinado grupo social. Então, parece ser imprescindível a busca por essa experiência, tanto na leitura dos cânones quanto dos *best-sellers*.

1 Pesquisa realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, na qual foram ouvidas 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, o que representa, segundo o Ibope, 93% da população brasileira.

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores - alfabetizadores, professores, bibliotecários - desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (LAJOLO, 1996, p.28)

## 2.2 Adaptações, releituras e reescrituras de clássicos literários

O recurso que permite modificações que não parecem ter os aspectos da tradução tende a ser compreendido como “adaptação”. A ele, seria atribuída maior liberdade, uma vez que há uma disposição a se considerar a adaptação sob o ponto de vista da intenção comunicativa e do receptor, enquanto a tradução contém uma linguagem mais objetiva e mais centrada no texto de origem. Assim sendo, a reescritura de uma obra literária está ligada à concepção de adaptar e traduzir, ações que permitem a criatividade e a expressão de seus feitores, mas que precisam estar limitadas à fidelidade à obra e seu texto original, sem encobrir a real intenção do texto. Contudo, quando o objetivo é o de “atingir” um maior número de leitores, existem casos que as adaptações e reescrituras não respeitam a originalidade do texto e o contexto histórico em que ele se insere, de modo a diminuir, com isso, o “monopólio” de conhecimentos únicos que só os leitores da obra “traduzida corretamente” adquiriram.

Assim, dando uma investida em direção à criação dos hábitos de leitura, os professores, com o intuito de melhorar o rendimento dos alunos e contribuir de maneira concreta para seu aprendizado, poderiam buscar, num primeiro momento, alicerce nas adaptações literárias, como, por exemplo, a obra *Ciumento de Carteirinha* (2006), de Moacyr Scliar, que adapta a história de Dom Casmurro (1899), de Machado de Assis, à um novo ambiente, o que poderia atrair o jovem mais facilmente no começo. Depois, poderia ser mais fácil introduzir a leitura dos clássicos em sua real essência, buscando demonstrar aos seus alunos os pontos positivos de se ler e que, quanto mais próximo do original, mais informações são apreendidas, pois, como Machado (2002, p.15) sustenta, “clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno e que não sai de moda.”

Porém, por mais importante que essa leitura canônica seja imprescindível, ela só será aproveitada quando o leitor/aluno o fizer com sensatez e maturidade, adquiridos com o tempo. Assim, de modo a construir essa estrada que levará para esse amadurecimento, a literatura de massa, assim como as adaptações literárias, os ajudam a começar, ou até mesmo criar, o hábito da leitura.

### 3. Conclusão

O ambiente escolar parece estar acostumado a negar a legitimidade da chamada Literatura de massa no processo de formação do leitor, julgando essa forma de expressão como sem valor estético e instrumento apenas das ideologias de mercado. Assim, a escola vem assumindo uma postura desatualizada e pautada em conceitos que não mais parecem agradar nem satisfazer os alunos, perpetuando um ensino historicista, sem ter cuidado com o texto em si, e sim na explanação de nomes, características das obras e contexto histórico; hierarquizado, no qual o aluno parece não ter voz e suas leituras e gostos não são levados em consideração, atrasado, pois não se adequa às novas tecnologias, e falho na missão de formar leitores não apenas durante a vida escolar, mas para a vida toda.

No entanto, o ensino de Literatura não precisa perpetuar esse histórico de déficit no número de leitores, além de criar uma guerra entre as obras canônicas e os *best-sellers*. Se partirmos da noção de que o leitor precisa ser formado, enxergar a Literatura de massa, assim como adaptações e reescrituras de obras cânones, como porta de entrada para a criação dos hábitos de leitura parece uma forma de dar utilidade para ela dentro das salas de aula.

Há, então, que expor o aluno a uma gama variada de textos, se realmente se quer que ele melhore sua leitura. E melhorar, aqui, nada tem a ver com a memorização ou velocidade de leitura. Tem a ver, isto sim, com níveis sucessivos e simultâneos de significados que o leitor (aluno) vai construindo para o texto (LAJOLO, 1984, p. 58).

Esse tipo de escrita pode, além de ajudar a melhorar a leitura, contribuir para aproximar o aluno. Assim, caberia ao professor relacionar essas obras aos clássicos literários, que não devem ser deixados de lado, pelo contrário, devem ser trabalhados de modo a mostrar o passado para que a nova geração o repita ou o construa diferentemente.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006

DUARTE, Márcia Nunes; WERNERCK, Leonor. *A Literatura e o Ensino de Literatura para o Público Juvenil*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. *Cânone Literário e Livro Didático: Mediações*. Campinas: 2005.

LAJOLO, Marisa. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

NETO, Alaim Souza. *Formação do Leitor e o Cânone Literário: relação entre as Orientações Curriculares e as práticas docentes*. 2008, p.44

MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. *No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARIA, Luzia de. *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009t

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975

ZILBERMAN, Regina. & SILVA, EZEQUIEL Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. 2ªed. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

PAZ, Eliane H. *Massa de qualidade*. In: I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial, 2004, Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro.

Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 3ºed, São Paulo, 2011

Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 4ºed, São Paulo, 2016